

## 2º Relato crítico

Este segundo relato crítico tem como objetivo analisar a exposição do sociólogo Danilo Martuccelli, professor da *Faculté des Sciences Humaines e Sociales da Université Paris Descartes*, França, sobre as aspirações, as esperanças e as frustrações dos indivíduos na sociedade no contexto da modernidade.

Segundo ele, durante muito tempo os norteadores de sentido individual e coletivo eram associados, o que já não ocorre atualmente. Suas pesquisas indicam que, na contemporaneidade, o que dá sentido à vida é o amor, um conceito muito amplo e gerador de desafios e tensões particulares.

A revolução moderna introduz uma exigência de felicidade e de relação pessoal que marca profundamente os tempos modernos. O amor constitui, portanto, um ideal, algo de grande valor e pelo que muitas pessoas estariam dispostas a morrer. Ainda que não se exijam provas de amor dessa natureza, muitas pessoas abnegam-se de si mesmas e levantam todas as manhãs para desempenhar funções que não os agradam por amor a outrem. As relações familiares, os filhos e o matrimônio foram indicados como o fator que mais traz felicidade à vida pessoal por 47% dos entrevistados.

O amor seria, ainda, uma promessa de felicidade. Para a maioria dos contemporâneos, nem mesmo o êxito econômico ou profissional trariam sentido à vida sem ele. Nesse contexto, a promessa de felicidade e a felicidade em si, seriam uma experiência em que a vida pessoal e cotidiana tem uma centralidade maior.

Ao realizar uma revisão histórica sobre o tema, outros três fatores já desempenharam papel coletivo semelhante ao que o amor desempenha hoje: a religião, a política e o trabalho.

Assim, enquanto suporte de sentido coletivo e individual, a religião e as crenças, conferiram sentido à existência durante muitos anos. Atualmente, contudo a exploração da espiritualidade não se restringe às práticas religiosas instituídas e abrange reinvenções de tradições, formas de meditação, contemplação e também grandes fenômenos de efervescência coletiva, que vão desde os concertos de rock às manifestações esportivas. Ou seja, a religião como vínculo entre os agentes sociais se busca muitas vezes fora de religiões instituídas. Entretanto, mesmo entre pessoas religiosas, há a percepção de que a vida acontece agora e isso não deve ser abstraído. Desse modo, a intensidade vital, como elemento central da vida na modernidade, não se opõe à busca de uma integridade religiosa.

Ao analisar a política como sentido da vida, retoma-se o fato de que, desde o Renascimento grego até certo período da Era Cristã, a virtude republicana era uma exigência absoluta para o indivíduo. A cidadania e, portanto, a política, era um horizonte de sentido coletivo que dava sentido às vidas individuais. Essa visão sustentou-se ainda nos tempos modernos, exemplificados pelos movimentos políticos da América Latina, mas hoje já não é o único ou o principal foco de sentido para a vida pessoal.

Passa-se, então, a valorizar experiências pessoais cotidianas, denominada pelos modernos, a vida privada. O individualismo moderno, assim, não denota egoísmo, mas confere legitimidade a um espaço de vida distinto, do qual fazem parte os amigos, a família e a vida cotidiana além das esferas política e religiosa.

No que se refere ao trabalho, Danilo afirma que, embora já tenha sido ferramenta punitiva, ele tornou-se centro das estruturas sociais e converteu-se, em uma forma de satisfação pessoal e meio de dignificação, que dava sentido ao indivíduo e à coletividade. Hoje em dia, contudo, as pessoas tem como princípio o fato de que esse não pode mais ser o elemento central de suas vidas e buscam formas de equilíbrio entre a vida social e profissional.

A partir da substituição desses ideais de sentido coletivo e pessoal, o amor surge como quarto horizonte de sentido individual. Isso desperta algumas tensões ao mesmo tempo em que tem caráter muito mais ativo, uma vez que a experiência amorosa, em alguma medida, já foi vivida por todos. O amor seria nos assedia como promessa de felicidade e, pela exposição midiática, se converte em uma alternativa de vida, como um bilhete premiado.

Em movimentos como o cristianismo, o humanismo altruísta, a fraternidade revolucionária, a solidariedade socialista, etc. o amor é elemento de vínculo entre os indivíduos que transita entre as relações interpessoais e as relações pessoais em um coletivo, o que não ocorre quando o amor se converte em objeto maior da indústria cultural. Isso porque a lógica do amor baseia-se em uma experiência de maior intensidade (e individualidade) existencial e menor intensidade cultural.

Na contemporaneidade, entretanto, o amor não tem o poder de transformar a ordem social como antes, os amantes modernos não têm a pretensão de mudar o mundo, sua revolução começa e termina entre eles. O amor seria, portanto, uma experiência encantada em uma realidade desencantada. Nesse sentido, aquilo que é essencial a suas vidas pessoais, se desassocia radicalmente daquilo que os orienta coletivamente.

Enfim, há ainda, indivíduos norteados pela religião, pela política ou pelo trabalho, mas a maioria de nós ainda acredita, com ou sem razão que, apesar de sua mortalidade, o amor pode dar um pouco de sentido à existência.

As debatedoras, Maria Alice Rezende de Carvalho (PUC-Rio) e Vera da Silva Telles (FFLCH-USP) da USP, levantaram, ainda questões sobre a visão do professor Danilo sobre o amor, alegando uma visão romântica, idealizada, às quais ele esclareceu que, enquanto sociólogo, é um pesquisador quantitativo, justificando os resultados de sua pesquisa.

**Marcela R. S. de Pontes (7602060)**